

A Vital Importância da Primeiridade na Filosofia de Peirce

The vital importance of firstness on Peirce's philosophy

Ivo Assad Ibri

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
ibri@uol.com.br

Resumo: Este artigo procura caracterizar a vital importância da categoria da Primeiridade no interior da filosofia de Charles Peirce, refletindo sobre o papel da *liberdade* em um contexto de simetria da relação sujeito-objeto e, mais precisamente, considerando as idéias de consciência e mundo. Tenta-se mostrar, também, como a Primeiridade torna-se fundamental para a consideração de uma *filosofia genética*, tal qual esta pode ser encontrada no pensamento do autor.

Palavras-chave: pragmatismo, Peirce, primeiridade, liberdade, filosofia genética.

Abstract: This paper try to show the vital importance played by the category of Firstness within Charles Peirce's philosophy, reflecting on the role of freedom in a symmetric relationship between subject-object and, more precisely, considering the ideas of consciousness and world. Furthermore, we try to show how Firstness becomes essential to the consideration of a *genetic philosophy*, as it can be found throughout the author's thought.

Key-words: pragmatism, Peirce, firstness, freedom, genetic philosophy.

A par de tantos outros pontos originais de seu pensamento, o conceito de Primeiridade é, a nosso ver, fundamental para o entendimento da efetiva contribuição de Peirce à Filosofia. De fato, a consolidação das categorias cenopitagóricas pelo autor, no início do século, permitiu-lhe engendrar definitivamente sua arquitetura das Ciências, inter-relacionando de modo consistente a Matemática à Filosofia e esta às Ciências Especiais. Mais que isso, no interior da Filosofia, Peirce conseguiu por fim estabelecer um elo entre a ciência das aparências, a Fenomenologia, e as Ciências Normativas – então constituídas pela Estética, a Ética e a Lógica ou Semiótica – e entre estas e a Metafísica.

Não obstante, tal tarefa dificilmente teria sido cumprida sem deixar arestas a menos que se tivesse obtido uma *homogeneidade* das categorias, a saber, uma harmônica transposição dos modos do *aparecer* para os modos do *ser*, certamente à luz de uma Semiótica ou Lógica que pudesse garantir o curso formal da investigação. Do universo da experiência ao universo da realidade, as categorias deveriam assim ser indiferenciadamente aplicáveis como instâncias formais da *liberdade*, da *faticidade* e da *necessidade*.

Parece-nos que o efetivo entendimento das doutrinas do autor se dá após um percurso reflexivo pelos conceitos, idas e vindas pelo seu sistema – e aqui é importante

frisar: Peirce é um autor sistemático e, salvo melhor juízo, o último deles na contemporaneidade. Seu sistema se configura por um fino imbricamento de suas doutrinas em que as categorias desempenham um fundamental papel aglutinador.

Tal percurso conceitual pelo pensamento de Peirce é, em verdade, fundamental para a correta compreensão das diversas dimensões em que suas idéias são consideradas, mercê da homogeneidade das categorias. Estas perpassam todas as ciências constitutivas do saber, sendo especialmente importante, sob o ponto de vista formal e constitutivo do entendimento das doutrinas de Peirce, a passagem de uma teoria das aparências a uma teoria da realidade, onde efetivamente se exibirão, indiferentemente, as mesmas *formas* categoriais.

Esse é um dos pontos estruturais da filosofia peirceana, e sobre ele novamente insistimos: a homogeneidade das categorias é condição necessária para a superação de uma dicotomia de gênese entre sujeito e objeto, um estranhamento originário entre Homem e Natureza característico de uma tradição nominalista na História da Filosofia, tão fortemente criticada por Peirce. Para seu projeto, essa superação deve dar-se por razões lógicas, não obstante ela venha acarretar conseqüências de caráter ético e, mesmo, metafísicas. Da aparência à realidade exibir-se-ão os mesmos modos de ser, cujas *formas*, é bom lembrar, têm de estar dadas nas ciências normativas, em particular nas formas semióticas de construção de argumentos.

Já a Fenomenologia irá anunciar simetrias categoriais que, em verdade, serão genéticas: ela cria de si as condições para o *realismo* radical de Peirce. Um realismo de início cognominado por ele de escolástico, na esteira do reconhecimento da realidade dos universais, para depois aperfeiçoá-lo para uma realidade dos *contínua*, à luz de sua doutrina do *sinequismo*, ou teoria do *continuum*. É sob o *sinequismo* que será possível afirmar tanto a realidade das *leis* quanto a dos *contínua* de *qualidades*, rejeitando de vez toda e qualquer postura nominalista na filosofia.¹

É, também, no interior dessa ciência que Peirce amplia o conceito de *experiência*. São igualmente fenômenos, na interioridade, o *sentimento*, a reação contra o não-ego que constitui nosso *passado*, e o *pensamento*. Nessa ordem, eles estão sob as categorias da primeiridade, segundidade e terceiridade.² A experiência fenomênica no seu aspecto de exterioridade, sob essa mesma ordem categorial, irá incluir a diversidade das qualidades nas coisas, a reação da alteridade contra a consciência e os aspectos de aparência espacio-temporalmente ordenada dos objetos do mundo.

Essa *simetria* será vital para a Semiótica. Somente com ela essa ciência poderá ser considerada dialógica. De fato, a homogeneidade das categorias irá permitir que as formas sígnicas não estejam exclusivamente concentradas na palavra ou nas diversas expressões da linguagem humana. A dialogia semiótica fundar-se-á num comércio entre significado e realidade legitimado por uma homologia de formas. O silêncio verbal do mundo expressar-se-á sob formas sígnicas equivalentes à nossa humana linguagem, na qual se inclui a matemática, permitindo que o real contenha

1. Cf. SANTANELLA (2002) e SILVEIRA (2002) a respeito do papel do sinequismo na filosofia de Peirce.

2. Em IBRI (2002) encontra-se uma exposição mais detida das categorias da Fenomenologia.

significado, e não meramente, ao modo nominalista, receba significado em uma operação de constituição da generalidade por meio do sujeito cognoscente.

Parece-nos certo que o fulcro desta heurística simetria é a idéia de Primeiridade. Nesse contexto, ela traz em si, como conceito, sua intrínseca diferença das demais categorias no que tange à tradição do pensamento ocidental. Segundidade e terceiridade, em verdade, já se inscreviam na tradição da história, sob os conceitos de *alteridade* e *razão*, não obstante, ressalte-se também, Peirce lhes tenha atribuído uma configuração distintivamente realista, acentuadamente ontológica. Essa tradição é marcada pelo reconhecimento do mundo enquanto oposição, objeto – *objeto* –, onde nenhuma unidade genética antecede o conflito com a alteridade, onde a razão assume papel mediador e, em muitos casos, constituidor.

É interessante observar que, apesar de sua importância diferenciadora, a categoria da **Primeiridade** tem sido a de mais difícil compreensão pelos estudiosos do autor. Para esse fato, várias razões podem ser aventadas.

De um lado, ela lida, no seu âmbito fenomenológico, com o terreno pantanoso dos sentimentos, ou, para ser mais fiel ao autor, com as *qualidades de sentimento* (quality of feelings), que constituem a dimensão psicológica da categoria, a despeito de tal dimensão ser contingentemente necessária apenas enquanto instância descritiva do fenômeno.

Por outro lado, ela irá exigir do estudioso o abandono da consciência analítica, para que se reflita, como comentaremos adiante, sobre as origens de nossa humana consciência sintética. Sem que se possa aqui tratar de seus fundamentos, a questão da síntese lógica na filosofia peirceana tem esteio na primeira categoria, não apenas porque o argumento abduativo esteja sob ela no interior da classificação semiótica dos argumentos, mas também porque o *continuum* da necessidade tem gênese no continuum de possibilidades lógicas. Com base na primeira categoria, é possível conceber-se a construção de uma filosofia genética, uma arqueologia do saber, por um viés que irá distanciar-se de uma clássica idéia de razão configurada por uma razão cartesiano-dedutiva, notadamente quanto às suas ambições de certeza e precisão.

É também interessante perceber que uma reflexão sobre a origem da razão sintética demanda pensar, em sua formação evolutiva, sua incompletude e limitação, necessariamente harmônica com uma hipótese evolutiva da Natureza. Tal limitação, todavia, não se dará pela interposição de qualquer instância incognoscível, mas justamente por um necessário abdicar de pretensões de certeza última em matéria de ciência. A primeiridade assumida em sua nuance ontológica, caracterizada pela liberdade de um princípio de Acaso atuante na Natureza, irá impor um inacabamento da necessidade causal das leis, fazendo com que os fenômenos se desviem de simetrias e configurem todo o aspecto de diversidade que exhibe nossa humana experiência. Se há alguma simetria, ela se dá naquilo que fundamenta a homologia da categoria aplicada aos mundos interno e externo: simetricamente a uma diversidade de qualidades de sentimento, corresponde uma miríade de qualidades da Natureza.

É esta correspondência de natureza ontológica que impedirá Peirce de tratar as qualidades de sentimento, do ponto de vista de seu *significado*, no plano de uma ciência especial como a Psicologia. Tão logo a Fenomenologia evidencie, em sua missão inventariante do universo das aparências, a homogeneidade e a simetria das categorias no que respeita aos mundos interno e externo, o autor irá assumir o tratamento lógico que, de fato, pretende dispensar ao significado de *sentimento*.

Sob esse prisma, o recurso à Psicologia é tão-somente de *contexto fenomênico* e não de *método*.³

No seu aspecto interior, veja-se uma passagem exemplar de como Peirce funda a primeiridade:

Imagine uma cor de magenta. Agora imagine que todo o resto de sua consciência — memória, pensamento, tudo, exceto esse sentimento de magenta, tenha sido eliminado e, com isso, apagado toda possibilidade de comparar a magenta com qualquer outra coisa ou de avaliá-la mais ou menos brilhante. É isso que eu penso ser uma pura qualidade sensível. Esta definida potencialidade pode emergir de tal indefinida potencialidade apenas por sua **Primeiridade vital ou espontaneidade**. Eis aqui esta cor magenta. O que originalmente tornou tal qualidade possível? Evidentemente, nada além de ela mesma. **Ela é um Primeiro**.⁴

Difícil é este requerido calar da razão. Logocêntricos e viciosamente judicativos, enfrentamos a dificuldade de refletir sobre esta experiência de unidade dada pela qualidade de sentimento, não obstante essa reflexão, quando se dá, não pode ser simultânea à própria experiência. É interessante observar que a interposição do pensamento distancia o objeto na consciência, enquanto na mera contemplação ou no mero experimentar de uma qualidade a representação e seu objeto coincidem: ambos são, em verdade, aquela pura qualidade, e o caráter do *representar* é unicamente reflexivo. Observe-se que, nessa passagem, o tratamento dado pelo autor é já especulativamente lógico. Admite o caráter de possibilidade daquela unidade, afirmando-a originária ou *primeira*. Nela Peirce atribui este caráter de potencialidade, de possibilidade, à espontaneidade do que é geneticamente primeiro.

É notável, sob aquela tarefa de simetria formal da Fenomenologia, como a espontaneidade aparece nos fenômenos externos:

Não sei se é logicamente preciso dizer que esta maravilhosa e infinita diversidade e multiplicidade das coisas é um sinal de espontaneidade ... Eu diria melhor, é espontaneidade. Eu não conheço outro significado do você possa atribuir à espontaneidade senão novidade, frescor e diversidade.⁵

Em outra passagem, o autor irá afirmar: “O mundo é pleno deste elemento de irresponsável e livre Originalidade.”⁶

Peirce insiste em que este aspecto de diversidade da Natureza, de fato, não nos chama a atenção. Certamente porque, diríamos, a vida cotidiana adentra-nos a buscar o que nos fatos possa ser objeto de juízo lógico, mediando a segundidade do objeto em representações preditivas, de modo que balizemos nossa conduta de acordo com elas. Isso implica que tenhamos, constantemente, a mente inserida no tempo, condição de possibilidade da construção de signos que medeiem nosso agir em relação à alteridade. Ora, esta incidência esmagadoramente maior da razão mediadora em nossa vida consciente torna aquela experiência de pura imediação

3. Cf. PARKER (1997: 103-127).

4. CP 6.198, negritos meus.

5. CP 1.160.

6. CP 2.85.

sob a primeiridade rara e infreqüente, não obstante seja vital para a vivência de uma liberdade que o espírito nunca pode fruir quando sob a condicionalidade e autocontrole da razão, da terceiridade.

A liberdade sob a primeira categoria não estará confinada tão-somente à solidão do espírito, pois sob aquele duplo aspecto do fenômeno, interior e exterior, é que a Primeiridade se desenhará como a categoria do original, incondicionado, livre. Liberdade é predicado que, sob a homologia categorial da Primeiridade, permeará tanto a Natureza quanto o espírito.

Não se trata mais de situar um homem dotado de livre-arbítrio, para a tarefa angustiosa da escolha, em um mundo inscrito na determinação causal, ponto de partida, aliás, congenitamente de estranhamento entre sujeito e objeto, a par de todas as arestas lógicas que um determinismo ontológico irá impor ao entendimento das *conseqüências práticas* da liberdade, valendo-se do critério pragmatista de análise de conceitos.

Ao contrário, a aceitação da primeiridade acarretará que a liberdade está simetricamente disposta no homem e na Natureza, e irá requerer um princípio ontológico geral para a diversidade das coisas — o *Acaso*. Ele será o princípio metafísico fundamental que permitirá uma das mais brilhantes conjecturas do autor: a origem das leis naturais.⁷

A hipótese realista de Peirce induzirá à busca no mundo de um correlato categorial do *sentimento*: esse papel está destinado ao *Acaso*.⁸ Unidade e diversidade parecem ser então co-originários. Esta correlação proporcionada pela categoria da Primeiridade deverá, por essa razão, levar a supor que deva haver uma conaturalidade entre ambos. Mas como poderá ser investigada essa possível conaturalidade? Peirce irá responder a essa questão tão-somente dentro de sua Cosmologia, a nosso ver sua mais profícua e interessante conjectura metafísica.

Sob a égide desta liberdade comum a sujeito e objeto, estará toda desconstrução dos determinismos que gerariam incongruências dentro de um sistema que se pretende realista. Mais que isso, é também importante ressaltar, uma vez mais, o evolucionismo que permeia a filosofia peirceana, envolvendo a idéia de crescimento e requerendo a Primeiridade como princípio de liberdade e incondicionalidade.

Esse evolucionismo, tendo por conseqüência uma dinâmica de vida vetorialmente organizada para o crescimento das mediações naturais como hábitos, faz com que Peirce funde seu idealismo. Somente um substrato mental seria capaz de adquirir hábitos e, portanto, tal substrato teria dimensão cósmica. Uma idealidade primária deveria, assim, constituir o universo, e mesmo a matéria nada seria senão um estágio envelhecido daquela idealidade original. Todas essas teses peirceanas são de construção lógica complexa e, certamente, de desenvolvimento satisfatório impossível no espaço restrito de um artigo, mesmo que aqui pudéssemos nos alongar algo mais sobre elas.⁹

7. Cf. CP 7.514-515.

8. CP 6.32.

9. O leitor poderá pesquisar essas teses, expostas de maneira quase sistemática, no volume VI dos *Collected Papers*.

Em todo o caso, em síntese, pode-se dizer que a ontologia de Peirce reveste-se de um monismo configurado em forte reação ao dualismo cartesiano, que propõe espírito e matéria como substâncias radicalmente apartadas. No entanto, a homogeneidade da Primeiridade impõe que as qualidades de sentimento e a diversidade do Acaso sejam correlatos categoriais e, por conseguinte, nenhum hiato substancial poderia se estabelecer entre eles. Aplica-se aqui o princípio da continuidade dado pelo sinequismo.

Sob o ponto de vista de uma heurística, ou lógica da abdução, Peirce irá recusar quaisquer esquemas lógicos que gerem autocontrole na formação de uma hipótese nova, geradora de um novo corpo de signos constitutivos de uma nova teoria mediadora. Na sua função criativa, a mente humana requer liberdade para conjecturar, muito embora tal liberdade se dê sobre um repertório de signos que poderão assumir novas configurações, novas combinatórias que dêem conta de novas experiências.¹⁰ Certamente não seria defensável uma espécie de empirismo gerativo de formas, heresia corretamente banida por Kant da epistemologia.

O aspecto dialógico da Semiótica dar-se-á, quando na ambiência heurística, entre signo e objeto necessariamente conaturais, para que o segundo determine o primeiro no elenco de formas possíveis que este dispor, ou, mesmo, demandando novas formas que dêem conta, como nova representação possível, de fenômenos até então desconhecidos.

O princípio fundamentalmente heurístico na filosofia peirceana não se dá sob a unidade pensante do *eu sou*, tal como isto aparece em Kant, ou na identidade do eu fundado na intuição intelectual, como em Fichte. A unidade sintética dá-se na experiência de primeiridade que, em última análise, implica a suspensão do juízo, não por uma cética convicção da impotência da razão em dirimir aporias, mas pela certeza de que **o todo** somente aparece ao abandonarmos as operações do espírito que fragmentam a consciência, tornando-a comparativa e judicativa e, por essa razão, inserida na temporalidade. Este afastar-se do tempo parece ser essencial para uma espécie de repouso heurístico do espírito, no qual ele engendrará com liberdade de novas formas sígnicas.

A unidade de consciência constituída pela mera contemplação de qualidades se dá em um hiato de tempo, em que a consciência nada compara porque não julga e, ao não fazê-lo, abdica de seu papel mediador e preditivo que permanentemente a tensiona para o futuro, conforme anteriormente já se observou. Assim, passado e futuro estão banidos daquela experiência, e não por outra razão Peirce a entende como pura presentidade. Ora, essa presentidade pura nada mais é, em verdade, que um hiato no tempo da consciência, uma totalidade de qualidades reunidas em sua unidade na mente daquele que a experiencia. Novos signos serão criados sob esse estado da mente, como combinações novas de um elenco de representações disponíveis.

Dá-se, por esse viés, o fundamento da abdução, o argumento originário de criação de novas hipóteses explicativas cujo caráter sintético se dá sob a liberdade da primeiridade, gerando novas formas de terceiridade.

10. Vide a excelente reflexão de Sandra ROSENTHAL (2002) sobre a criatividade científica.

Há aqui, no projeto peirceano, um inédito amálgama entre sentidos e razão que mesmo Kant não houvera conseguido. Os sentidos para Kant são instância de apreensão e ordenação espaço-temporal dos fenômenos – são contributos para a cognição, mas não são em si mesmos cognitivos.

Sob esse prisma, é ousada a solução peirceana. Já a instância judicativa se encontra na percepção, sendo inteiramente sensível. O sentimento é originariamente cognitivo, e a abdução tem nele seu substrato de síntese.

Entender a passagem da unidade de consciência para a instância do juízo, e a dependência desta para aquela, requer que se mobilize todo o sistema teórico de Peirce sob o ponto de vista de uma *filosofia genética*. É nesse vetor que se situa a Primeiridade como sua origem e fundamento.

Bibliografia

IBRI, Ivo A. (2001). Ser e aparecer na filosofia de Peirce: o estatuto da fenomenologia. *Cognitio – Revista de Filosofia*, São Paulo: Educ/Palas Athena, n. 2, p. 67-75, nov. 2001.

PARKER, Kelly A. (1997). *The Continuity of Peirce's Thought*. Nashville and London: Vanderbilt University Press.

PEIRCE, C. S. (1931-1958) *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Ed. by C. Hartshorne and P. Weiss (v. 1-6); Arthur Burks (v. 7-8). Cambridge, MA: Harvard University Press. 8 v. [CP]

ROSENTHAL, Sandra (2002). Classical american Pragmatism: a systematic overview. *Cognitio – Revista de Filosofia*, São Paulo: Educ/Palas Athena, n. 3, nov. 2002.

SANTAELLA, Lucia (2002). Os significados pragmáticos da mente e o sinequismo em Peirce. *Cognitio – Revista de Filosofia*, São Paulo: Educ/Palas Athena, n. 3, nov. 2002.

SILVEIRA, Lauro F. Barbosa da (2002). Os primeiros passos rumo à verdade. *Cognitio – Revista de Filosofia*, São Paulo: Educ/Palas Athena, n. 3, nov. 2002.